

LÍNGUA E LITERATURA FRANCESA E PÓS-GRADUAÇÃO (*)

Albert Audubert

Agradecemos inicialmente o convite que nos foi feito pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, e a oportunidade que nos é dada de falar sobre um tema muito importante.

Teria sido muito melhor ter havido esse tipo de reunião antes de saírem os regulamentos de Pós-Graduação, pois nunca fomos consultados, pelo menos que eu saiba, no Departamento de Letras da USP. A Pós-Graduação foi algo que caiu de cima, e não parece adaptada a nossos estudos. Aliás, as perguntas que foram feitas há pouco à Prof.^a Marta Steinberg parecem refletir os desentendimentos que no início fizeram sentir-se. Acho que sempre podemos fazer algumas reformas, para melhoria do sistema, mas tudo deve ser amplamente debatido.

Queria começar por algumas considerações de caráter geral para depois passar ao Francês especificamente, pois acho que a filosofia da coisa deve ser examinada.

Parece que foi esquecida uma coisa primordial: o antigo curso chamado de Especialização. Esse curso com duração de 2 anos, era ministrado aos professores do ensino secundário e aos que iam especializar-se no ensino superior. Não havia mestrado e os alunos já faziam a tese diretamente. Esses antigos professores do secundário, que vinham fazer nossos cursos e que não tinham a menor idéia de prosseguir no ensino superior, agora se acham fora do jogo e não podem se especializar. Acho isso uma falha enorme, pois foi esquecida a maior parte do exército. Ele não se compõe apenas de ofi-

(*) Texto tirado das fitas, sem revisão do Autor.

ciais, mas estamos tratando só deles e temos esquecido o sub-oficial e o soldado também, que contam muito no exército.

Perguntou-se aqui se se pode ministrar na Pós-Graduação uma prática do ensino audiovisual. Isso não é do domínio da área do ensino superior, pois faz parte da formação de um bom professor do ensino secundário. Caberia perfeitamente em um curso de Especialização, e não em um curso superior voltado para a redação de tese de Mestrado ou de Doutorado.

Para inscrever-se na Pós-Graduação vieram vários candidatos e entrevistei alguns: uns conhecia bem, outros menos. No formulário que tínhamos de preencher havia algumas perguntas tais como a emoção do candidato, a sociabilidade; isso é difícil de ser respondido em alguns minutos. Mas, por exemplo, há o item "objetivos futuros". Muitos desses candidatos disseram que queriam se aperfeiçoar em Francês e assim se tornarem professores melhores no ensino secundário. Vou aceitar esse candidato ou não? Eu duvidei bastante: eles não queriam fazer tese. Não é todo mundo que tem vocação para o ensino superior, e o nosso novo sistema só foi feito para os candidatos a uma tese, ao ensino superior. E os outros? Acho que seria muito bom haver a possibilidade de escolher ou deixar aparecer a vocação nos candidatos, por meio de um ano de tronco comum, no qual poderíamos ver com eles, se realmente têm possibilidade de pesquisa para o ensino superior, ou se eles vão continuar se aperfeiçoando com alguns cursos de cultura geral e de aplicação para o ensino secundário.

Podemos agora retomar os dados e talvez modificar um pouco isso. É nesse ambiente de mal-estar, a que me referi há pouco, que aparece esse curso. Tenho a impressão de que, para nós, de Letras, esse curso não se aplica à realidade do nosso ensino e das nossas necessidades. Acho que não pode haver um hiato entre o ensino secundário e o superior, principalmente agora com a reforma que o Brasil está fazendo, uma reforma que visa dar maiores possibilidades aos alunos de participar da educação. Como está agora, chegando ao fim do ensino superior há uma elitização logo no início. Acho que deveria ser aberta a possibilidade a todos para ver se eles são feitos realmente para o ensino superior, se têm a possibilidade de aí continuar. Esse pessoal que começa agora o curso já está com a obrigação de escolher o tema a pesquisar porque vai ter que, tão logo no início, escolher orienta-

dores sem conhecê-los muito bem. Nossos antigos alunos já conhecem os professores, mas alguns que vieram do Interior, não. Havendo o ano comum, daria possibilidade de refletir e pensar um pouco e de escolher melhor.

Outro problema é o da carga horária; agora temos de preencher a exigência de ministrar um curso médio por horas: 1.440 para o Mestrado, 2.880 para o Doutorado. Mas não temos o hábito de aferir por este modo os nossos trabalhos no setor de Letras. Dentro desse esquema novo, um curso de Língua e Literatura Francesa — dentre aqueles todos que o aluno tem de fazer — compõe-se de doze semanas.

De outro lado, como organizar um curso de Língua e Literatura Francesa num país como o Brasil? Seria uma pretensão enorme pensar que podemos concorrer com os estudos na França, que podem ser feitos na Biblioteca Nacional, na Biblioteca da Sorbonne, na Cidade Universitária Francesa, etc. Mas, pensando no país em que estamos, um país que foi e é muito ligado à França, desde o início, há a possibilidade de se fazer muita coisa nova e original. Deve-se tentar estabelecer um tipo de pesquisa que interesse ao mesmo tempo ao Brasil e à França, seja na língua, seja na literatura. Eis algumas sugestões: o problema da Literatura comparada tradicional, as chamadas *influences*.

Não sou especialista em Literatura Brasileira, mas sei qual foi a importância da Literatura Francesa sobre o Romantismo e os movimentos ulteriores; o Brasil ainda precisa fazer o trabalho crítico de estabelecimento de texto, que já foi feito na França no século passado. É aqui que vamos nos ligar com os colegas da Universidade, ou seja, com as cadeiras de Teoria Literária, Literatura Comparada e Literatura Brasileira, e isto já estamos fazendo no curso de Francês da USP. Trouxe alguns trabalhos que foram feitos com o Prof. José Aderaldo Castello, de Literatura Brasileira, em colaboração conosco. O Instituto de Est. Bras. da USP comprou a biblioteca de Mário de Andrade e todo o acervo da casa de Mário de Andrade, importantes instrumentos para esse gênero de trabalho. Tenho aqui o trabalho da Prof.^a Maria Alice de Faria, da Universidade Federal de Santa Catarina, que é um confronto entre Álvares de Azevedo e Alfred de Musset. Essa tese representa uma honra para o nosso Departamento, pois ganhou o prêmio de crítica literária “Governador do Estado” no ano passado e vai ser publicado agora. Seria interessante ler algumas linhas do prefácio dessa professora

porque isso nos dá uma orientação: "O presente trabalho nasceu do desejo de ilustrar afirmações sobre a influência de Musset sobre Álvares de Azevedo, repetidas desde a morte do poeta. São chavões que vão se repetindo, que são escritos em literatura, mas ninguém foi ver de perto o que acontecia. Iniciada a pesquisa dentro de uma orientação tradicional em literatura comparada, através da leitura e comparação da obra dos dois poetas, do estudo das respectivas biografias, do meio em que viveram, da formação cultural e intelectual, tudo dentro da documentação existente, surgiram, e em seguida se ampliaram uma série de dificuldades. Ao invés de encontrar facilmente a decantada influência, começaram a se evidenciar diferenças, particularmente no terreno da expressão literária, dificultando sempre mais a comparação. Por outro lado, em particular, no estudo dos temperamentos, esboçaram-se aproximações, que, ao que tudo indicava, não dependiam necessariamente de influências literárias, diretas, no sentido lato que lhe dão os comparatistas tradicionais, mas da própria constituição individual dos poetas, posteriormente elas se confirmaram como inegáveis afinidades de temperamento humano-literário, sobretudo do desdobramento da personalidade, e as atitudes quase coincidentes de adolescentes em face de alguns problemas de afirmação e reação ao mundo adulto. O estudo das fontes literárias de Álvares de Azevedo, muito deficiente ainda quanto à documentação e estudos críticos, não nos dava margem para se afirmar categoricamente que essas coincidências provinham de imitações diretas de Musset. Assim, mudei a orientação anteriormente adotada e coloquei o problema não mais apenas em base de influências, mas também no de afinidades, o que veio abrir um campo mais amplo de pesquisas e também mais moderno". Outro trabalho está sendo feito no nosso curso por uma assistente, sobre José de Alencar e Chateaubriand. Justamente ela está vendo que tipo de crítica vai usar. Acho que qualquer que seja o método crítico moderno usado, por ex., as teses sociológicas bastante discutíveis, mas interessantes, de Goldmann até Roland Barthes, passando por Bachelard, pela crítica temática, tudo é válido e muito interessante.

Nosso colega, Prof. Alvaro Lorencini, aqui presente, fez um outro tipo de trabalho, que foi escolher um autor francês e dentro desse autor, uma obra. Preparou assim seu ótimo trabalho sobre *Germinal* de Zola, onde estudou "La comparaison, la métaphore, l'image, dans le *Germinal*, de Zola".

No mês que vem teremos a defesa de uma tese que vai ser uma das mais brilhantes, sobre Lautreamont, esse poeta maldito, do qual não se tem biografia nenhuma. A autora é a Professora Leila Perrone, que muita gente conhece pelos artigos que escreve para o Suplemento Literário de O Estado de São Paulo. Ela mostra que todas as tentativas de crítica aplicadas a Lautreamont, à obra de Lautreamont não deram em nada. Então, propõe uma nova leitura de Lautreamont, à luz do que se faz hoje em dia, de mais atualizado. Esse trabalho, acho, vai ter uma grande repercussão fora do Brasil também.

Agora, com sua licença, passaríamos a outra parte que seriam as nossas relações com a Lingüística, uma vez situada nossa colaboração com colegas de Literatura Brasileira e Teoria Literária. A esse propósito, estou me lembrando agora de reflexões que faziam alguns amigos meus que vieram convidados ao Brasil, o Prof. Kurt Baldinger, e mais tarde o Prof. Bernard Pottier. Eles me perguntavam sempre, por que os pesquisadores do Brasil não estudavam o português do Brasil ou as línguas dos índios do Brasil ou do Paraguai. Em nosso caso específico, poderíamos comparar o português ao francês, dentro da linha moderna da Lingüística Contrastiva. Uma Assistente da Disciplina de Língua e Literatura Francesa da USP está comparando o sistema das preposições das duas línguas. Os sistemas português e francês são uma fonte perpétua de dificuldades para os alunos: quando é que se diz, *à, de, pour, par*? Podia-se também comparar os respectivos sistemas fonéticos, o processo das derivações e outros assuntos.

Uma terceira linha de trabalhos são os estudos estilísticos, em que pouca coisa está feita. Meu colega Victor Ramos e eu, estamos com a idéia de publicar um estudo comparado de estilística do francês e do português. Algo assim no gênero da *Stylistique comparée de l'anglais et du français*.

Finalizando, quero dizer que estas idéias são as primeiras que nos ocorreram nesta fase de organização de Pós-Graduação em Francês. Só com o tempo poderemos avaliar sua exequibilidade.

INTERVENÇÕES

1. Ataliba T. de Castilho: Não acha que Especialização e Pós-Graduação poderiam coexistir, um curso complementando o outro? Por

exemplo, se o candidato à Pós-Graduação apresenta certas aptidões mas não está ainda bem amadurecido, não seria o caso de encaminhá-lo para um curso de Especialização?

R. — Exatamente, e ainda há pouco encaminhamos à administração proposta nesse sentido.

2. Zelinda T. G. Moneta: Como situa no curso de Pós-Graduação o problema da orientação metodológica e didática? Nada ouvi a esse respeito durante sua exposição.

R. — Realmente, não constou de minha exposição, mas dentre os cursos ministrados há aqueles que focalizam tais questões, como o do Prof. Fabre, por exemplo. Insistimos no problema da metodologia da pesquisa científica, não, porém, no das técnicas de ensino de uma língua estrangeira.

3. Suzana Camargo: Qual será a repercussão nos planos de pós-graduação em Francês da retirada dessa língua em nossos cursos secundários?

R. — Exigirá do candidato um preparo mais intensivo.

4. Onozor Fonseca: ao que estou informado, a tendência é a de supressão de todas as línguas estrangeiras, que passariam a ser ministradas em centros especializados, provavelmente privados.